

Saúde



José Paulo Lacerda/Ag. Pixel

TERAPIA Simone Martins presenteou a mãe, Cora, com um gato e acha que o contato com o bichano está auxiliando em seu tratamento

Animais têm potencial curativo

Curso de *pet terapia* mostra como cães, gatos e até peixes podem auxiliar no tratamento de diversos males

MARIANA SANTOS

Quem tem animal de estimação em casa dá amor ao bichinho como se fosse um filho. Cuida, leva para passear, dá banho, faz carinho. E com direito a comidinha especial – de iogurtes a carnes nobres e até camarão. Pouco explorado no Brasil, porém, é o potencial curativo do apego a bichanos. Mas isso está começando a mudar em Brasília. Estudiosa do assunto, a pedagoga Maria Cláudia Medeiros da Silva resolveu envolver a comunidade e irá ministrar um curso de *pet terapia* na Universidade de Brasília (UnB), de fevereiro a julho. Durante as aulas, os alunos conhecerão os poderes terapêuticos do contato com animais, que vão de um simples aumento na auto-estima até o equilíbrio da pressão sanguínea dos pacientes.

– Existe um pesquisador norte-americano que está avaliando a capacidade dos cães em perceber, pelo faro, a diferenciação celular no local afetado pelo câncer. Mas ainda não há nada concluído – diz Cláudia, contando que os grandes pesquisadores da área no mundo estão nos Estados Unidos, França e Itália. Em terras brasileiras, os experimentos ainda são muito in-



Monique Renne

Maria Cláudia irá ministrar o curso de *pet terapia* na UnB

cientes. Em Brasília, por exemplo, existe apenas um paciente que utiliza o tratamento alternativo. Cláudia ressalta que o método mais desenvolvido é a equoterapia (com cavalos), mas ainda há um vasto campo a ser explorado. Cães, gatos, aves e até peixes podem ser bons instrumentos de uso terapêutico.

Especialistas acreditam que o convívio com animais pode melhorar a sociabilidade, além de equilibrar a pressão sanguínea e dar mais tranquilidade aos pacientes, que

geralmente são deficientes físicos, auditivos, visuais ou mentais, pessoas que sofrem do *Mal de Alzheimer* e hipertensos. O vínculo com os bichos traz influências psicológicas e deve ser um tratamento contínuo. Também é necessário escolher o animal certo para cada paciente. Os peixes, por exemplo, são geralmente indicados para hiperativos. Para os pacientes sem muita mobilidade, recomenda-se gatos, principalmente os persas, que são bastante tranquilos. Entre os cães, la-

bradores e pastores de shetlands são os mais utilizados. Cláudia ressalta, no entanto, que a terapia com animais não deve ser aplicada isoladamente, e sim conjugada com outras terapias.

– Ter um bichinho de estimação é recomendado para todos que gostem de animais, de qualquer idade, desde que não os deixem presos em coleiras ou gaiolas – afirma a especialista. Segundo suas pesquisas, crianças que têm contato com bichos desde cedo são menos propensas a problemas asmáticos.

A primeira vez em que se ouviu falar em algo parecido com a atual *pet terapia* foi em 1742, na Inglaterra, quando um hospício foi transferido para uma fazenda e seus pacientes apresentaram melhoras cuidando dos animais. Cláudia pretende resgatar a importância do tratamento mostrando as vantagens para quem tem interesse no assunto e pretende testar conhecimentos em casa, entre familiares e amigos.

mari.santos@jb.com.br

PET TERAPIA – INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 13 DE FEVEREIRO, EM HORÁRIO COMERCIAL. INFORMAÇÕES: 347-1400/447-5606 OU 8112-6185. CURSO AOS SÁBADOS, DAS 8H ÀS 18H, COM INTERVALO DE DUAS HORAS PARA ALMOÇO.

Experiência positiva

Os conhecimentos que a analista judiciária Simone Martins Vieira, 33 anos, tem sobre *pet terapia* foram adquiridos na Internet. A curiosidade sobre o tema foi despertada por uma experiência na própria família, onde acompanha bons resultados da função terapêutica de bichinhos de estimação. Sua mãe, Cora Martins, luta contra um câncer na mama há mais de um ano, e já passou por cirurgia, quimioterapia e radioterapia. Para fazê-la espalhar e esquecer um pouco a enfermidade, Simone resolveu presentear a mãe com uma gatinha. A ideia agradou bastante.

– Sinto que ela melhorou, está mais alegre e não fala o tempo inteira da doença. Acredito que vai influir positivamente, inclusive na recuperação dela – afirma Simone, satisfeita.

Atualmente, ela cuida de quatro cães e dois gatos. Quando criança, no entanto, tinha periquito, peixe e até papagaio em casa. Formada em Direito, ela ainda pensa

em fazer um outro curso superior – veterinária, claro!

O cabeleireiro Kaká Ximenez, 24 anos, conta que foi praticamente adotado por uma dog alemã, a Titica, desde bebê. A cadela era de sua mãe, e não deixava ninguém se aproximar do pequeno. O animal morreu quando Kaká completou 15 anos, mas o amor por cães foi cultivado ao longo dos anos.

– Eles nos tratam muito bem e entendem nossos sentimentos – diz.

A própria Maria Cláudia Medeiros, ministradora do

curso na UnB, confessa que o amor por seus cães estimulou seu interesse pela terapia alternativa. Ela cria dois pastores de shetland em seu apartamento no Guarã.

– Posso chegar cansada em casa, descabelada, de qualquer jeito, que ele chega latindo, lambendo. Já relaxo na porta mesmo com esta recepção, é muito bom – afirma a pedagoga, dizendo que se “desliga do mundo” durante a hora que dedica a seus únicos filhos. (M.S.)

O contato com os animais faz os pacientes espalhar